

KAIROS

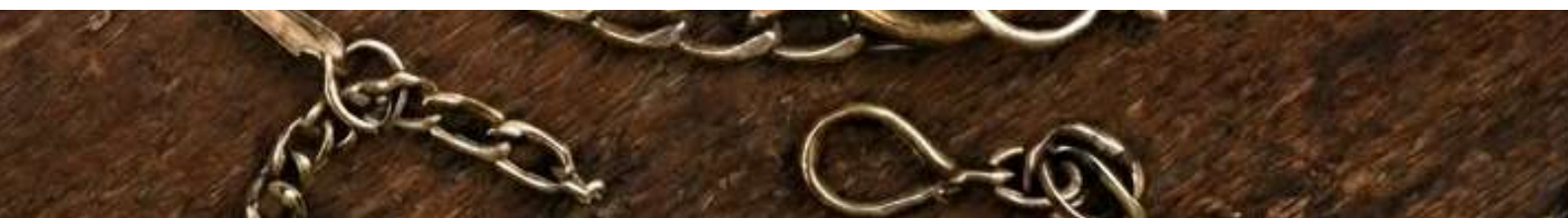
MILITIA SANCTÆ MARIÆ

- COMPANHIA REGULAR E MILITANTE DOS CAVALEIROS DE NOSSA SENHORA -

NEWSLETTER N.º 5 | 25 DE MARÇO DE 2026



O TEMPO
oportuno





O primeiro número do KAIROS foi editado em 29 de setembro de 2019, dia em que a Militia Sanctæ Mariæ festeja o dia do seu Grão-Mestre, S. Miguel Arcanjo, Príncipe da Milícia Celeste. Propunha-se pautar a sua atividade na defesa da:

- Vida Humana (do nascimento ao seu ocaso natural);
- da Família (tal como ela é desejada por Deus);
- da Cultura que nos fez através dos tempos e a que não queremos nem podemos renegar sem perder a nossa identidade;
- da Criação e meio ambiente, obra de Deus, o único Criador, que nos foi emprestado para fruição e não destruição e que tão ameaçados estão na atualidade;
- da defesa dos Direitos de Deus e de todos os homens, sobretudo dos mais frágeis, dos perseguidos e esquecidos;
- pela promoção do Direito Natural que tantos, cada vez mais, recusam.

Passados que estão estes anos e, depois de um interregno de quase quatro anos, o KAIROS está de regresso para continuar a travar o mesmo combate.

NESTE NÚMERO:

Dom Gérard Lafond

Para além de uma curta biografia do nosso fundador, pode ler um artigo da sua autoria sobre o Mundo Angélico

p. 5 a 8

S. Bento e o património agrícola

O mosteiro, se possível deve ser construído de tal maneira que todas as coisas necessárias existam no seu interior

p. 9

Habitar o desabrigo

Apresentação dos livros "Urdiduras Espaciais" e "Com sabedoria se habita da uma casa" de João Paulo Costa por Carlos Poças Falcão

p. 11

O Louco de Deus

Artigo de Paulo Aido, AIS sobre a vida de um missionário na Amazônia

p. 14



www.msm-portugal.pt



<https://www.facebook.com/profile.php?id=100071139125215>



geral@msm-portugal.pt



Rua de Guadalupe, 73, 4700-298 Braga

... O REGRESSO DE KAIROS!



Pormenor da capa do n.º 0 do Kairos de 29/09/2020

É este o número 5 de KAIROS, a revista digital da **MILITIA SANCTÆ MARIÆ** – Cavaleiros de Nossa Senhora, do Priorado de São Nuno. Um regresso que se impunha e de que se sentia a falta.

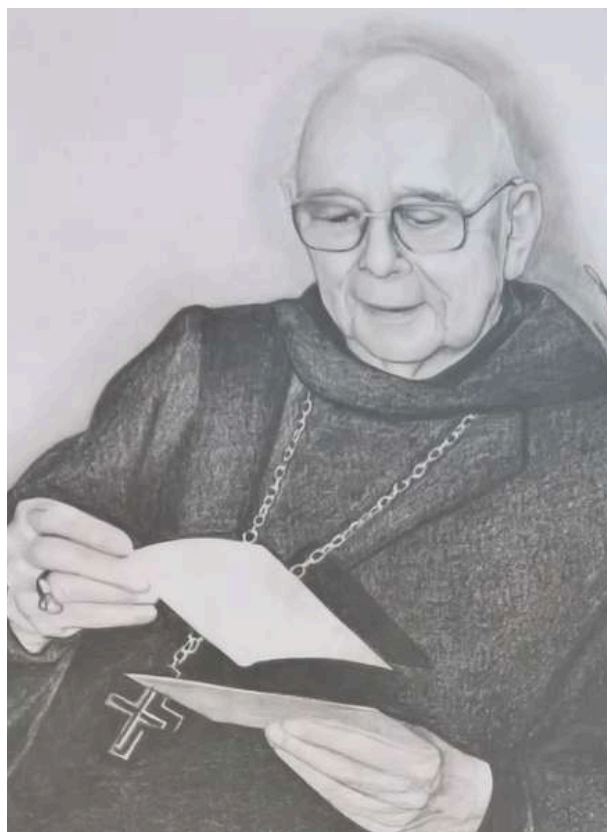
KAIROS, é uma palavra que nos chegou do grego (καιρός) e que significa “o tempo oportuno”, “o tempo favorável”, entre outras traduções que se lhe podem aplicar. E porque se adoptou este nome? Porque, de facto, nestes tempos conturbados e capturados por ideologias que procuram não destruir, mas desconstruir a nossa Cultura cristã e que moldou o nosso património civilizacional, se impunha “remar contra a corrente”.

Não pretendemos fazer uma Revolução ao contrário da Revolução vigente nas últimas décadas (ou desde, pelo menos, o século XVIII?). O nosso grande desígnio é ajudar, colaborar, na edificação de uma cultura baseada no contrário da Revolução em vigor e com vigor. Não uma Revolução ao contrário, mas o contrário da Revolução. Parece ser uma tarefa fácil, mas não o é de todo. Quando as propostas culturais, por exemplo, nos impõem o horrendo, o disforme, o desarmónico as aberrações musicais ou pictóricas, teremos de saber descobrir e promover precisamente o contrário: o belo, o harmonioso na poesia, na pintura, na arquitectura, etc. Quando o “esfarrapado”, desbotado e outras

“maltrapilhadas” nos são impostas como moda, temos de ser criativamente modernos e actuais para sugerir outras opções que espelhem a harmonia que é a “opção” da Natureza. Quando a mentira sobre factos históricos é imposta como “a verdade”, devemos repor a verdade dos factos. Quando as agressões contra a Natureza, obra do Criador, são usadas como armas agressivas contra o Homem, temos a obrigação de propor uma visão cristã sobre a obra do Criador. Quando se distorcem os direitos humanos fundamentais com argumentos ipsistas e se advoga a legalização do Aborto ou da Eutanásia, impondo uma verdadeira cultura de morte, teremos de ousar propor uma cultura da Vida e exigir que o DIREITO À VIDA seja respeitado, acarinhado e amado. Quando o direito dos Pais, primeiros e principais educadores dos seus filhos, é desprezado e combatido e se lhes colocam entraves inadmissíveis, temos a obrigação de agir contra esta tirania do Poder que se arroga ser educador dos nossos filhos. Quando a guerra impera e destrói pessoas e bens de forma atribiliária e, tantas vezes (ou sempre?) cruel, teremos de saber ser corajosamente proponentes da Paz, a tranquilidade na Ordem, como pacificadores e não como pacifistas.

O Fundador da nossa instituição, no final do Prólogo à Regra que nos legou, escreveu:

“Se temes o esforço e procuras a tua própria tranquilidade, se aceitas sem revolta o reino da, diz-nos mediocridade, da hipocrisia e do vício, este livro (a Regra) não é para ti: fecha-o e permanece na tua falsa paz”. E, logo a seguir diz-nos:



Dom Gérard Lafond, OSB, fundador da MSM
... breve biografia na página seguinte

“O universo criado por Deus é um todo harmonioso ordenado para glória de Cristo Rei, e, por Cristo, para louvor da Santíssima e Indivisível Trindade. A criação é luz, ordem e hierarquia”. É um repto forte que Dom Gérard Lafond OSB, o nosso saudoso Fundador, nos lançou e lança ainda hoje. É por isso que (re)nasceu KAIROS. Nestas poucas linhas da nossa Regra estão definidos os nossos campos de acção! KAIROS é um instrumento que estará sempre “afinado” por este diapasão guiados pelos grandes inspiradores de Dom Gérard Lafond OSB: S. Bento de Núrsia, S. Bernardo de Claraval e S. Luís Maria Grignion de Montfort pois somos uma instituição beneditino-bernardiana, monfortina e cavaleiresca. E a estes santos fundadores, sob a bênção da Theotokos, a Santa Mãe de Deus, queremos ser fiéis.

“Laus Deo Virginique Matri”

DOM GÉRARD LAFOND, OSD

Dom Gérard Marie Lafond nasceu a 30 de Setembro de 1926 e fez os seus estudos secundários no Liceu de Rouen (França).

Em 1945 com um grupo de jovens amigos e o apoio do Dom Abade do mosteiro de S. Wandrille (Normandia – França) funda a MILITIA SANCTAE MARIAE - cavaleiros de Nossa Senhora, com um carisma fortemente mariano, beneditino-bernardiano e cavaleiresco.

Em 1948 entra no mosteiro de S. Wandrille e faz a sua profissão monástica em 25 de Março (Dia da Anunciação) de 1950 e a 25 de Julho (dia de S. Tiago) de 1955 foi ordenado Sacerdote. Em 1959 acaba o Mestrado em Teologia (Instituto Católico de Paris) e o de Sagrada Escritura, em 1965 (Instituto Bíblico de Roma). Foi professor, no seu mosteiro, dos jovens monges de Sagrada Escritura e acumulou as funções de Bibliotecário. Simultaneamente dirigiu um círculo bíblico para leigos, orientou retiros e fez inúmeras conferências.

Dom Lafond, com uma forte espiritualidade mariana, sentiu, antes do II Concílio do Vaticano, o papel imprescindível dos leigos ancorados em S. Luís -Maria Grignon de Montfort, S. Bento de Núrsia e de S. Bernardo de Claraval. Foi esta a motivação que o levou a fundar a MSM, rigorosa fidelidade à Igreja e ao seu Magistério.

No dia 24 de Dezembro de 1969, a seu pedido, o Bispo de Chartres, Dom Roger Michon, reconhece canonicamente a MSM na cripta da catedral dedicada a Nossa

Senhora Actualmente está presente em quatro continentes.

Em Dezembro de 1985 foi nomeado Prior Administrador do mosteiro de S. Paulo de Wisques e em 1988 foi eleito seu Abade serviço de que resignou em 3 de Fevereiro de 2005. Entretanto, em 1997, com um grupo de cientistas, artistas e outros intelectuais e em articulação com o Conselho Pontifício para a Cultura, funda o Projecto “Novo Olhar” do qual saiu o livro “L’Éveil du Regard”.

Sempre que os seus inúmeros afazeres o permitiam, tomava parte nos Capítulos da MSM, de que era seu “Pai espiritual” e Fundador. Em 1995, pela última vez, participa, em Agosto, na casa que ajudou a criar - a Comendadoria da Imaculada, chamada actualmente de “Domus Mariæ” - (perto de Chartres) leu e entregou aos cavaleiros de Nossa Senhora o que se pode chamar o seu “Testamento Espiritual”.

Dom Lafond deixou inúmeros artigos de formação para os cavaleiros de Nossa Senhora, seus filhos espirituais, além da Regra, seu verdadeiro directório espiritual e a Liturgia das Horas para estes já segundo as directivas decorrentes do II Concílio do Vaticano.

Partiu para a casa do Pai no seu mosteiro de S. Paulo de Wisques a 31 de Outubro de 2010.

Convidam-se os nossos Irmãos e Amigos a rezar por este grande Monge, Dom Abade e Fundador da MSM.

O MUNDO ANGÉLICO

“... A harmonia perfeita das origens, fundada sobre a perfeição do Princípio, deu lugar à discordância. “Um inimigo fez isso “diz a parábola do grão de mostarda (Mt 13, 24-30. 36-43). O universo foi ferido, o homem foi ferido, mas o anjo fiel ficou intacto, e esteve presente na Criação para manter a todo o custo e promover o que é bom e leva à vida, combater sem tréguas e sem descanso o que é mau e conduz à morte...

Desde que tomou partido por Deus contra Lúcifer-Satanaz, respondendo ao grito do Príncipe das Milícias celestes, Mi-cha-El (“Quem como Deus?”), o Anjo está totalmente imerso na glória de Deus... O olhar transparente do Anjo ensina-me qual o olhar que eu devo sobre as outras criaturas. O Anjo é um ser em comunhão. Pertence à Criação original, não quebrada pelo pecado ... aquele a que chamamos o Anjo da guarda é muito mais do que servidor de Deus encarregado do exterior para a guarda de um outro servidor de Deus, mais fraco e tão frágil! Ele é, como diz tão bem Philippe Faure (“Les Anges”, Cerf 1988 - col. Bref n.º 9) como o polo espiritual da sua personalidade, ou ainda, ícone do que Deus deseja para ele. O Anjo da guarda e o homem assemelham-se tanto que os discípulos, vendo Pedro miraculosamente resgatado da prisão, tomam-no como o seu Anjo (Actos 12, 15)... Ajuda-me a discernir os espíritos, a desvendar os pensamentos que vêm de Deus dos que vêm do Maligno, ou da minha natureza caída e imperfeita. Ajuda-me a tornar-me plenamente eu próprio, sob o olhar de Deus.



Miguel Arcanjo, de Guido Reni, Santa Maria della Concezione, Roma, 1636

O Anjo ensina-me, enfim, como devo olhar o mundo que me rodeia... Tudo é sinal de Deus e dom de Deus, tudo comporta uma face resplendente, objecto de um olhar maravilhado. Apesar da desordem, apesar da queda, um Poder doce e luminoso vigia sobre cada uma das criaturas e canta a glória de Deus. “Vi um Anjo poderoso descer do céu, envolto numa nuvem, um arco-íris sobre a cabeça, o rosto como o sol, e as pernas como colunas de fogo” (Apoc. X 1). É o Anjo do cosmos na luz de Deus, do cosmos tal como nunca teria deixado de existir, tal como se encontrará um dia na Parusia.

Enquanto esse dia abençoado não chegar, o Anjo permanece um combatente, um cavaleiro de luz. O seu olhar para o Adversário que se fixou eternamente na sua revolta querendo ser “o deus deste século” (II Cor. IV 4) sem ternura como sem comprometimento. O Anjo combate por todo o lado a mentira, a perversidade do espírito, o ódio... O Anjo combatente ajuda-me a rezar sobre os “versículos imprecatórios” do saltério e a comprometer-me sem voltar atrás na luta contra as Dominações, as Autoridades, os Príncipes deste mundo das trevas, os maus espíritos espelhados pela atmosfera (Fil. 6, 12). O olhar do Anjo desvia-me dos fogos-fáctuos, das meias verdades e das reticências na minha conversão que impedem a Força de Deus de se desenvolver completamente sobre a

minha fraqueza (cf II Cor. 12, 9). Desde a queda, estou apanhado por um olhar mau e maléfico: o meu adversário, “o diabo, tal como um leão que ruga à minha volta procurando quem devorar” (I P 5,8). Devo precaver-me ao mesmo nível e colocar-me sob o olhar angélico para permanecer” forte na Fé”. “Uma batalha travou-se no céu: Miguel e os seus Anjos combateram o Dragão. E o Dragão ripostou, apoiado pelos seus anjos, mas foram derrotados e expulsos do céu (Apoc. XII 7-8). O combate do monge associa-se ao do Anjo: é por isso, em todas as circunstâncias, que o monge procura a companhia dos anjos e compraz-se a viver sob o seu olhar a “vida angélica”.

. DOM GÉRARD LAFOND OSB
(DOM ABADE DE SAINT PAUL DE WISQUES E
FUNDADOR DA MSM),
IN “CAHIERS DU NOUVEAU REGARD”, N.º 5 – 2000



Pe Paulo Emanuel, Capelão da MSM, ofereceu à MSM a estátua de São Miguel Arcanjo que se encontra na nossa Sala Capitular



ACADEMIA MARIANA “THEOTOKOS” JÁ TEM “SINAL”

A Academia Mariana Theotokos ainda não tinha um “sinal” que, visualmente, a identificasse.

Esta situação terminou com a excelente obra de Bruno Guedes, artista plástico que já conta com obra artística digna desse nome e que, pela se publica nestregresso do Kairos.

Quando vemos este emblema, salta-nos imediatamente à vista e ao coração, na sua simplicidade, uma imagem da simplicidade da “Theotokos” e parece que nos está dizer, para que cada um de nós oiça e viva o “FIAT”. A cabeça inclina-se numa postura de escuta como que querendo convidar cada um de nós à escuta do que Ela nos deseja dizer: “Faça-se em mim segundo a Vossa palavra”. Aquela estrela no manto da cabeça ilumina-nos na nossa vida. Não se canta, em Vésperas, o belíssimo cântico “Ave Maris stella”? E o escudo da MSM aos pés da

Santíssima Mãe de Deus, a Theotokos, não é um sinal de que todos os membros desta Militia se consagram a Ela e são seus escravos?

Bruno Guedes, Freire da Militia Sanctae Mariae, neste seu trabalho que ofereceu à Academia Mariana “Theotokos”, revela, mais uma vez, os seus talentos de um artista que nos deve merecer mais atenção e reconhecimento.

Como o Belo não é sinónimo de complexo! O Belo, em que o Belo total é Deus e de que a Santa Mãe de Deus é um reflexo perfeito e sem mancha, é simplesmente simples, passe a redundância. Bruno Guedes conseguiu este desiderato e a nossa Academia está-lhe grata!



S. BENTO E O PATRIMÔNIO AGRÍCOLA

“O mosteiro, se possível, deve ser construído de tal maneira que todas as coisas necessárias, isto é, água, moinho, horta, as diversas oficinas e ateliês, existam no interior do mosteiro, de tal modo que os monges não tenham necessidade de sair dela”.

(Regra de S. Bento, cap. 66)

O Santo Patriarca ao impor uma localização bem definida para a fundação de cada mosteiro, estava, provavelmente, a fazer uma verdadeira revolução no campo da Agricultura. De facto, com esta obrigação e, simultaneamente com a disseminação por toda a Europa, da Atlântico aos Urais, do Mediterrâneo à Escandinávia, da vida inspirada pela sua Regra, quer na tradição de Cluny (monges negros) quer na de Cister (monges brancos) e até nas Ordens de Cavalaria, S. Bento é o Pai não só da Europa como dos fundamentos de uma maior quantidade e diversidade de produtos agrícolas, de técnicas de irrigação dos campos, de secagem de pântanos, entre outros contributos que os filhos espirituais de S. Bento deram e continuam a dar neste campo da cultura humana.

Um monge beneditino brasileiro, Dom Lourenço de Almeida Prado, no seu livro bem interessante - "São Bento e a Sua Obra" (ed. Lumen Christi, Rio de Janeiro, 1978) - escreveu: ... "tornou-se norma comum, a partir do século VI, que os mosteiros, apenas construídos, fossem rodeados de actividades produtivas. O trabalho era distribuído entre os monges: uns tomavam a foice, a enxada e o podão e se embrenhavam pelas florestas, que sulcavam de caminhos, abrindo, de espaço a espaço, grandes clareiras. Os pântanos eram drenados e secos, açudes eram construídos, a terra preparada e, assim, aos poucos iam surgindo os prados e as culturas. Outros dedicavam-se a aclimatar as essências, a introduzir os cereais e a organizar as hortas e os pomares (...) Não se ignora também o trabalho dos monges no aprimoramento das culturas e, particularmente, na arte da enxertia e da irrigação (...) A piscicultura e a apicultura mereceram especial atenção (...)". De facto, até à actualidade, onde há monges/monjas de S. Bento (beneditinos ou cistercienses) cada mosteiro vive do seu trabalho e quase todos possuem terrenos agrícolas.

Na paisagem agrícola portuguesa, o contributo para o desenvolvimento da riqueza agrícola está bem patente, mesmo para os mais distraídos, todos reconhecemos Alcobaça e as suas frutas, Lafões e os seus vinhos, Amares ou, até, o pequeno mosteiro de Ermelo (Arcos de Valdevez) deixou a sua marca nas afamadas laranjas. E que dizer do vale do Douro onde Cister esteve tão presente (Tarouca, Salzedas, etc) e que deixou vinhos de altíssima qualidade?

Durante séculos os monges, filhos de S. Bento, trabalharam as terras e ensinaram a

fazê-lo aos vizinhos. Quem, por exemplo, consultar as actas dos Capítulos trienais da Congregação Portuguesa de S. Bento, pode sem dificuldade constatar a enorme preocupação dos monges em cultivar as suas propriedades e no investimento nas melhorias das mesmas. Triénio a triénio, até 1834, podemos ver como os monges negros se ocupavam das produções agrícolas. O mesmo para os Cistercienses, monges e monjas.

Não se pode nem deve esquecer que foi a vida dos filhos espirituais de S. Bento, no domínio da Agricultura, que esta passou de trabalho para escravos a trabalho digno de todos os homens, pois as populações viam monges oriundos das mais altas classes sociais dedicarem-se a arar, semear, cavar ou regar os campos. Foi uma verdadeira revolução cultural o que assim aconteceu.

Na realidade, a Agricultura actual deve muito a S. Bento, àquele pedacinho da Regra com que se inicia este curtíssimo texto. Refiro novamente Alcobaça importante centro frutícola, que de pântano passou à cidade que é hoje conhecida, sobretudo, pela sua fruta (quem não conhece as maçãs desta área geográfica?). E como não referir Amares, com a influência de dois grandes mosteiros, Rendufe e Santa Maria de Bouro, ambos de filiação em S. Bento (Rendufe, monges negros e Santa Maria de Bouro de cistercienses), na qualidade das excelentes laranjas desta zona?

E que influência na produção dos excelentes vinhos que ainda hoje se produzem nas antigas áreas de influência dos mosteiros de Fiães (Melgaço) ou dos mosteiros cistercienses da margem direita do Douro ou do Dão?

. CARLOS AGUIAR GOMES

LIVROS DE JOÃO PAULO COSTA

HABITAR O DESABRIGO

Como tive oportunidade de escrever em modo de prólogo, este livro, *Urdiduras Espaciais*, tece-se em torno da imagem do poeta enquanto habitante do mundo. Tema bem conhecido dos que amam a poesia de Hölderlin e seguem a exploração filosófica que Heidegger dele faz. Tema que nos situa sem demora no «*problema da habitação*», para parafrasear o título de um livro de Ruy Belo.

«*Habitar o mundo como poeta*», o poeta como «*pastor do ser*», a linguagem como «*casa do ser*» – eis formulações conceptuais expressivas que são imediatamente estimulantes e encantatórias, mas que, infelizmente, correm o risco de, se pensadas a fundo, nos perderem ainda mais do que aquilo que nos prometem encontrar. O autor de *Urdiduras Espaciais*, aliás, logo se interroga sobre o que é «*ser habitante do mundo*», em estranheza radical. O que é «*mundo*»? De que falamos quando dizemos «*ser*»? O que é «*habitar*»? Habitar ou ser habitado? E a linguagem, qual a sua natureza, qual o seu estatuto ontológico? Linguagem e ser, linguagem e mundo identificam-se? Ou apenas se implicam (ou *ex-plicam*, ou *com-plicam...*), em dobras, pregas e redobras sem fim? Mas avancemos.

Quem diz habitação diz casa. João Paulo Costa, neste *Urdiduras Espaciais* e mais

ainda no seu outro livro que hoje aqui apresentamos, *Com Sabedoria se Habita uma Casa*, reflecte profundamente sobre a ideia de casa, casa do ser, casa da linguagem pensante, casa da sabedoria. Num mundo, num espaço-tempo necessariamente erosivo, revulsivo e repulsivo, a construção da casa apresenta-se inevitavelmente como construção de abrigo, frágil espaço de protecção, de recolha e recolhimento, de resistência às intempéries incessantes do devir. Espaço de recolhimento, mas também de encontro e acolhimento – porque não há casa sem porta e sem janela, sem abertura e convite, sem cuidado e hospitalidade.



Assim, a casa, a sua natureza doméstica, será negada se for concebida como fortaleza, reduto e bunker. De qualquer modo, a casa é sempre abrigo e há-de ser capaz de

defender-nos. E há que ser construída sobre rocha. O fundamento não pode ser, portanto, o terreno movediço e arenoso das sensações e sentimentos, nem da linguagem, da conversa, do texto rizomático que prolifera sem fim e sem sentido numa expansão que não mais é capaz de sustentar as ligações, e alastra em autodestruição, por rompimentos, cortes e rasgões, descontinuidades, até ao delírio (no sentido etimológico da palavra) e à dissipação absoluta.

A casa há-de fundar-se sobre o Logos. E o Logos traça o cardo e o decumano na dimensão terrestre e aí, no cruzamento de ambos, define o ponto de exaltação, de elevação, de ligação, condição de cumprir o concreto do Homem, encarnar o divino, assumir um destino em transcendência, um princípio e um fim, uma origem e uma plenitude escatológica. A Palavra enquanto Logos: só ela, em verdade, permite uma visão sem véus. Ela é então a casa. Mas, além de se construir sobre a rocha do Logos, no lugar cruciforme das dimensões horizontal e vertical do ser, com os materiais da visão sem véus da Palavra que se escuta e se assimila no espírito e na carne, além de tudo isso, não há-de a casa esquecer que é construção, que é ainda e só construção.

Será então ocasião de falar aqui de tenda, em vez de casa, dessa tenda a que se refere São Paulo, tenda breve e frágil, tenda de nómada e peregrino, ou a tenda que os discípulos propõem montar no Tabor, perante a Transfiguração do Senhor. Mas atenção, pois mesmo a tenda é ainda abrigo! E é preciso ir mais longe, é preciso construir o desabrigo, a exposição no aberto – e isso já desafia e supera as nossas forças.

Temos de abrigar-nos de nós mesmos e construir o paradoxo de um desabrigo, o desabrigo de Deus. Temos de habitar o desabrigo de Deus. Só esse desabrigo, qual a face que se oferece a quem nos bate e que é, em verdade, a face invencível, a mais forte, a mais resistente, só esse desabrigo, dizia, nos abrigará seguramente de nós mesmos e da tentação e devastação do mundo.



Então, nessa casa do Logos, nesse desabrigo de Deus em Deus, poderemos verdadeiramente ser chamados «reparadores de brechas e restauradores de veredas» (Isaías 58, 12). Ou, retomando O Problema da Habitação, de Ruy Belo, só então estaremos em condições de não mais dizer que «a alegria é uma casa demolida».

Carlos Poças Falcão é poeta e a sua poesia foi reunida em Arte Nenhuma, obra editada pela editora Língua Morta e livraria Snob em 2020. Este texto foi lido na [apresentação dos livros de João Paulo Costa](#) Urdiduras Espaciais e Com Sabedoria se Habita uma Casa, em Braga, 27.02.2026

. "TEXTO LIDO NA APRESENTAÇÃO DOS LIVROS
URDIDURAS ESPACIAIS E COM SABEDORIA SE HABITA
UMA CASA, DE JOÃO PAULO COSTA"



Também podemos
dar graças a Deus
com os aromas
fragantes das flores

NO MEIO DA SELVA DA AMAZÓNIA, NO BRASIL,
A IGREJA FAZ-SE PRESENTE

O LOUCO DE DEUS



Quando foi enviado para a Amazónia, no Brasil, Paolo Maria Braghini chegou a temer pela sua vida. Ninguém o ameaçou, nem se envolveu em tumultos, nada disso, só que depressa o frade italiano compreendeu que a natureza ali era excessiva em tudo. Bela demais, sufocante demais, doentia. E Braghini chegou a estar mesmo muito doente. Mas a doença maior foi sempre a do amor aos que vivem naquela região, especialmente os muito pobres, os quase esquecidos da sociedade. Um amor doentio que só se compreende para quem vive profundamente enamorado por Deus....

“Ninguém nos visita aqui, só os frades.” A mulher, de corpo débil e rosto já enrugado, fala em ticuna, a língua nativa local. O que acaba de dizer, a uma equipa da Fundação AIS, é o maior elogio que o frade franciscano Paolo Braghini alguma vez poderia escutar. Ele nasceu em Itália, mas cedo se deixou enamorar por Deus e pelo sonho de ser missionário. Quando foi enviado para a Amazónia brasileira, Braghini cumpriu esse desejo, e logo numa das regiões do planeta onde ainda vivem populações nativas. Ser missionário na Amazónia significa ter de deixar todos os preconceitos para trás, tudo o que se pensa que se sabe sobre as pessoas,

a vida, sobre o mundo. A própria Amazónia é um lugar à parte. A floresta é por vezes tão densa e sufocante que parece engolir tudo e todos. É nas margens desse verde intenso que serpenteia o grande rio onde vivem as pessoas a quem Paolo foi enviado.

Ao fim de pouco tempo depois de ter chegado à floresta, o frade franciscano chegou a pensar que ia morrer. Adoeceu, esteve muito mal, mas sobreviveu. “Quem quiser seguir-Me, tome a sua cruz e siga-Me”, disse ele para consigo vezes sem fim, repetindo as palavras do Mestre. É quase sempre assim. Como se a natureza colocasse sempre à prova os que ousam querer viver por ali. Paolo Braghini superou a prova. “Estou tranquilo, sereno, consciente e muito feliz”, confessa à equipa da Fundação AIS que foi ao Brasil profundo acompanhar o trabalho da Igreja.

Padre, amigo, carpinteiro, médico...

Ser missionário na Amazónia significa adoptar todos os que vivem por ali, todos os que habitam em casas de madeira, muito humildes, quase que se diria apenas cabanas, e sempre equilibradas sobre estacas nas margens do rio. E adoptar todos os que vivem por ali significa alargar quase até ao infinito o sentido de família. É que todos os habitantes da região passaram, de

alguma forma, a ser filhos de Paolo e ele passou a sentir a necessidade de cuidar de todos por igual. Para chegar àquelas micro aldeias, às vezes nem isso pois são apenas pouco mais de duas ou três cabanas, o único meio de transporte possível é a jangada ou, com sorte, algum barco a motor. O rio é a grande estrada, o único caminho e é por isso que as pessoas habitam nas suas margens.

O interior da floresta é quase impossível. Às vezes, é tão densa a floresta, é tão intenso o emaranhado de ramos e árvores que mal se vislumbra o próprio rio e as pessoas que viajam nas canoas têm de se baixar, como se a natureza as obrigasse a fazer uma vénia, uma saudação. Frei Paolo é padre, amigo, médico, carpinteiro, professor, confidente de todos os que vivem por ali, na Amazónia. É tudo para todos. Paolo, o Frei Paolo, vive apaixonado pela sua missão. É por isso que as palavras desta mulher, já idosa, são tão significativas. “Ninguém nos visita aqui, apenas os frades”, diz ela, em ticuna, o dialecto local. Palavras que mostram como é fundamental a presença da Igreja na Amazónia. “Os frades deram-nos educação, conhecimento e sabedoria”, diz ainda. E acrescenta, numa erudição já antiga, que tem passado de geração em geração, que todos querem crescer na fé, “porque quando esta vida passar, os nossos nomes serão inscritos no Céu”. Eloquentes testemunhos



MISSIONÁRIOS
Até aos confins do mundo

*Consigo, mantemos
viva a Missão!*

Faça um **donativo**
à **Fundação AIS**



Entidade: 21244
Referência: 444 444 444
Montante: o que desejar



918 125 574

donativos.fundacao-ais.pt

este, que prova como tem sido preciosa a presença da Igreja na Amazónia brasileira. O amor é assim.

para agradecer a cada benfeitor da Ajuda à Igreja que Sofre. Não importa se a ajuda é pequena ou grande. É uma ajuda que serve



Gestos que fazem a diferença

Um amor que também é possível encontrar através da generosidade dos benfeitores da Fundação AIS. São inúmeros pequenos sinais que o atestam. A canoas ou os barcos a motor, são exemplo disso, mas há todo um mundo construído por pequenos gestos que ali, no meio do verde denso da floresta, fazem toda a diferença. E Paolo Braghini não se esquece de o dizer de viva-voz e de o lembrar a todos os que visita, nem que seja apenas para ajudar a reparar, de martelo em punho, as cabanas onde moram, ou simplesmente para escutar os desabafos de uma vida. Em todos os momentos, em todos os encontros, Frei Paolo gosta de dizer que ele é, ali, apenas o rosto de um mundo de solidariedade que se espalha pelos quatro cantos do planeta. E pede sempre que todos rezem pelos benfeitores da AIS. “Rezamos

para construir uma capela, para se construir uma canoa, para se comprar um computador, um violão... É ajuda para se manter um jovem daqui, do povo Ticuna, no seminário”, diz, enumerando algumas das iniciativas que se conseguem fazer por ali através das dádivas sempre generosas dos benfeitores e amigos da AIS, tantos deles em Portugal. Os gestos deste frade italiano que se deixou enamorar por Deus já fazem parte da história do povo da Amazónia brasileira. São gestos de amor de quem faz da sua vida uma entrega total aos outros...

Paulo Aido | www.fundacao-ais.pt



CÍRCULO INTERNACIONAL CRISTÃOS PELO AMBIENTE S. JOÃO GUALBERTO (ARBUTUS UNEDO)

«As gerações futuras estão destinadas a herdar um mundo em ruínas. Os nossos filhos e netos não deveriam ter de pagar um custo da irresponsabilidade da nossa geração»

(PAPA FRANCISCO, 14.06.2019)

O Círculo Internacional CRISTÃOS PELO AMBIENTE foi fundado pela Militia Sanctae Mariae - cavaleiros de Nossa Senhora, para promover e defender políticas ecológicas que tivessem o seu ápice em DEUS, o Criador de tudo o que existe. A defesa da Natureza deve, assim, ser entendida como uma forma de respeitarmos em toda a criação a mão de Deus.

A publicação da Carta Encíclica «LAUDATO SI», em 24 de Maio de 2015, pelo Papa Francisco, veio dar-nos força e coragem para continuarmos o nosso entusiasmo em «CUIDAR DA NOSSA CASA COMUM, A TERRA», já que «o mundo é algo mais do que um problema a resolver; é um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor» (Op. cit. nº 12).

«A irresponsabilidade das gerações passadas e presentes não podem danificar o futuro da família humana, especialmente dos seus membros mais vulneráveis.» (Papa Francisco, id). Sim, de facto a família humana, criada

à imagem e semelhança de Deus, tornou-se um “objecto” consumista e, daí, os danos que causa à «NOSSA CASA COMUM, A TERRA». Esta falta de respeito que está a danificar a Terra, é o efeito da falta de relação com Deus, que na nossa ânsia de consumir cada vez mais e desperdiçar ainda mais, está a causar agressões sobre a Natureza, esgotando-a e poluindo-a, matando-a e introduzindo alterações nos diferentes ecossistemas naturais de que o Homem é o centro e cujas atitudes irresponsáveis o tornam vítima dos seus desvarios.

«O capitalismo não carece de homens, mas de consumidores» (Card. Robert Sarah). De que lado temos de estar?

Que o nosso Patrono, o beneditino valombrosano, S. João Gualberto, que celebraremos a 12 de Julho, nos guie a saber «CUIDAR DA TERRA, NOSSA CASA COMUM».



Instituto Internacional
FAMILIARIS CONSORTIO



NOSSA SENHORA DA VIDA

Num tempo ameaçador para a Vida Humana, a ameaça maior é dirigida contra os mais **frágeis** e **indefesos** que não podem fugir nem pedir socorro: as **crianças por nascer pelo aborto** ou os **velhos, doentes** e limitados pela eutanásia. O IIFC/IFCI está alerta e vigilante. A oração é um combate maior que está ao nosso alcance e em que todos podemos e devemos colaborar.

No dia 25 pf, Solenidade da Anunciação do Senhor e Dia da Criança por Nascer, o **Instituto Internacional Familiaris Consortio**, vai celebrar esta efeméride em defesa da Vida Humana com a recitação do Terço e Santa Missa, na igreja da Penha (Braga) no horário habitual (Terço às 15h30m e Santa Missa às 16h00m).

Recordamos que esta celebração faz parte do património espiritual do IIFC/IFCI e que só a Pandemia do Covid19 interrompeu.

Deste modo, o IIFC/IFCI cumpre o pedido do nosso Patrono Celeste, São João Paulo II Magno que se fizesse uma corrente de oração pela vida humana, na Exortação Apostólica *"Familiaris consortio"*.

Num tempo ameaçador para a Vida

Humana, a ameaça maior é dirigida contra os mais frágeis e indefesos que não podem fugir nem pedir socorro: as crianças por nascer pelo aborto ou os velhos, doentes e limitados pela eutanásia.

O IIFC/IFCI está alerta e vigilante. A oração é um combate maior que está ao nosso alcance e em que todos podemos e devemos colaborar.

Nesta linha de acção, a oração que iremos fazer a 25 de Março, está nesta sintonia e responde ao citado apelo do Papa da Vida e da Família.

Que Nossa Senhora da Vida, que abre esta Newsletter, acolha em seu regaço de Mãe todas as crianças abortadas e anime todas as mães e pais a saberem acolher e cuidar da vida humana nascente.



NENHUMA VIDA HUMANA É DESCARTÁVEL!



**Toda a vida merece o
respeito pelo seu
habitat**